



XII Colóquio Internacional
“Educação e Contemporaneidade”
São Cristóvão/SE/Brasil
20 a 22 de Setembro de 2018
ISSN: 1982-3657



Recebido em:
15/07/2017
Aprovado em:
16/07/2017
Editor Respo.: Veleida
Anahi
Bernard Charlort
Método de Avaliação:
Double Blind Review
E-ISSN:1982-3657
Doi:

A QUESTÃO DE GÊNERO NO DISCURSO LITERÁRIO DO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA

NADJA SILVA BRASIL SANTOS

EIXO: 10. EDUCAÇÃO, CORPO, SEXUALIDADE, GÊNERO

RESUMO: Este trabalho apresenta o recorte de uma dissertação de mestrado em andamento que discute sobre a questão de gênero nos livros didáticos de língua portuguesa (LDLP) do Ensino Fundamental II, aprovados pelo PNLD/2014 com vistas a analisar como os discursos representam a mulher nos textos literários nesse material. Para consecução desse trabalho definiu-se levantar uma das coleções aprovadas, para identificar as marcas discursivas presentes, estabelecendo uma reflexão sobre o papel que o livro didático desempenha na promoção da consciência da questão de gênero na formação dos estudantes. A pesquisa ancora-se em estudiosos como Scott (1990), Louro (2001), Faria (1991), Cosson (2007), Citelli (2002), dentre outros. Os resultados apontam para a existência expressiva de discursos estereotipados e preconceituosos em relação a representação da mulher nos textos literários dos LDLP.

Palavras-chave: Gênero; Livro didático; Discurso literário.

ABSTRAT: The current study presents a dissertation in progress that discusses the gender issue in the portuguese language textbooks (LDLP) of Elementary School II, approved by the PNLD / 2014 with a view to analyzing how the discourses represent women in the literary texts In this material. In order to achieve this work, it was decided to select one of the approved collections to identify the discursive marks present, establishing a reflection on the role that the textbook plays in promoting awareness of the gender issue in the students formation. The research is anchored in scholars such as Scott (2005), Louro (2001), Faria (1991), Cosson (2007), Citelli (2002); among many others. The results point to the expressive existence of stereotyped and prejudiced discourses regarding the representation of women in literary texts of LDLP.

Keywords: Gender; Textbook; Literary Discourse

Introdução

O ambiente escolar tem sido considerado como lugar de discussão de saberes e disseminação de conhecimentos onde se promove a reflexão no sentido de estimular sujeitos capazes de pensar e refletir o mundo em que vivem. Nesse sentido, é importante que os recursos didáticos que abrangem o ambiente escolar se tornem objeto de discussão e que possam ser observados atentamente pelos profissionais que irão utilizá-los como ferramentas durante todo o ano letivo.

Dessa maneira, pensar sobre a escola, é pensar sobre seus recursos didáticos, é pensar quase que instintivamente no livro didático. Além de conceituado em nossa cultura escolar, o livro didático tem sido, por vezes, o único mecanismo ou recurso empregado no auxílio do trabalho do professor nas salas de aula da educação básica.

Diante dessa assertiva, a proposta desse artigo é apresentar resultados parciais de uma pesquisa em andamento, intitulada 'O livro didático de língua portuguesa da educação básica: um olhar sobre a questão de gênero nos textos literários'. A pesquisa mencionada pretende analisar, por amostragem, textos literários contidos nos livros didáticos de língua portuguesa das séries do 6º ao 9º ano, aprovados e disponibilizados pelo PNLD (Plano Nacional do Livro Didático) 2014 para as escolas públicas fazerem uso no triênio de 2014/2015/2016, com vistas a observar a questão de gênero no discurso literário do livro didático de língua portuguesa.

Para consecução desse artigo selecionou-se uma das coleções aprovadas pelo PNLD/2014, a 'Singular & Plural - Leituras, produção e estudos de linguagem', das autoras Laura de Figueiredo, Marisa Balthasar e Shirley Goulart, da Editora Moderna. Assim, o presente artigo representa o recorte de uma pesquisa qualitativa, de abordagem bibliográfica onde utilizamos como *corpus* de análise textos literários de livros didáticos de língua portuguesa, que são tratados na perspectiva da análise de conteúdo.

Nesse sentido, não se pretende aqui um levantamento exaustivo do problema, mas um esforço no sentido de refletir e sugerir novos olhares, buscando apontar algumas questões que parecem ser fundamentais para o debate sobre a questão de gênero, estabelecendo uma reflexão sobre a representação feminina no livro didático de língua portuguesa.

O discurso literário no livro didático de língua portuguesa

Todo discurso é uma prática social e a análise deste precisa atentar para o contexto em que está inserido, igualmente como o sujeito e as circunstâncias que são produzidos, pois pode apresentar dados representativos da sociedade. Logo, o discurso deve ser visto como uma construção social que necessita ser considerado a partir de seu contexto histórico-social e suas condições de produção, por refletir uma visão de mundo determinada, indissociável do seu autor e da sociedade.

É possível afirmar que todo discurso carrega uma intencionalidade, seja implícita ou explícita, por mais neutro que o autor busque ser na sua argumentação, com o intuito de convencer um indivíduo acerca do que julga ser verdade. Este propósito pode estar incluso no discurso de quem o profere, o qual pode influenciar por algum grupo, classe social, governos etc. Portanto, segundo Citelli (2002, p.6) "o elemento persuasivo está colocado ao discurso como a pele ao corpo. É muito difícil rastreamos organizações discursivas que escapem à persuasão...". Deste modo, qualquer que seja o texto ele apresenta um enunciador materializado e tem a voz de um sujeito que deseja algo.

A respeito da relação da Literatura com o mundo e sua associação com os discursos sociais, Cosson (2007, p. 15-17) afirma que:

[...] é no exercício da leitura e da escrita de textos literários que se desvela a arbitrariedade das regras impostas pelos discursos padronizados da sociedade letrada e se constrói um modo próprio de se fazer dono da linguagem que, sendo minha, é também de todos.

Percebe-se que os fatos cotidianos e acontecimentos históricos se repetem no discurso e implica costumes de observar, compreender e exprimir opiniões. Uma palavra sempre resvala na palavra do outro.

Cosson (2007) prossegue corroborando com a concepção de que o texto literário exerce importante papel na aprendizagem dos indivíduos, conduzindo-os à produção de conhecimento:

No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos. É por isso que interiorizamos com mais intensidade as verdades dadas pela poesia e pela ficção (COSSON, 2007, p.17).

Diante disso, pode-se conceber que o texto literário representa uma coletânea de saberes que manifestam valores culturais de uma determinada sociedade.

Infere-se que o discurso literário no livro didático normalmente é marcado por dois aspectos básicos: a reprodução e a idealização. Em outras palavras, os textos literários que compõem os livros didáticos, na sua maioria, reproduzem comportamentos e conjecturas culturais no que concerne à sociedade patriarcal e hegemônica.

Na visão de Eco e Bonazzi,

[...] a grande maioria de nossos livros didáticos (e não apenas as antologias e obras de determinadas disciplinas) reproduz um único modelo conservador e se enforma na fidelidade a seu desejo secreto: conservar o mesmo discurso, circulando sempre os eternos mitos.

Mitos que falam de um país tropical, rico e exuberante, habitado por uma gente cordial, virtuosa em sua pobreza e conformada no trabalho escravo. Mitos que são lidos pelas crianças em manuais de catequese atuais, mas que são a releitura de um antigo testamento escolar, infelizmente inesquecível (1980, p. 11).

Assim, de maneira geral, os livros didáticos abordam questões que visam acolher às classes de modo genérico. Logo, faz uso de um discurso pertencente às camadas mais privilegiadas socialmente, reforçando, de tal modo, o discurso dominante.

O discurso permite que os sujeitos atuem sobre o mundo e sobre a sociedade, estabelecendo juízo preconcebido, influenciando e transformando o meio social. Todavia, ele traz ideologias que assinalam alguns grupos sociais e que objurgam outros.

Isto posto, Fairclough (2001, p.91) confirma que:

[...] o discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes. O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado.

Compreende-se que não há discurso livre de intencionalidade, pois sempre existe alguma intenção, estabelecendo ou mantendo relação de dominação, de quem o produz.

Os livros didáticos, em especial os de língua portuguesa, são dispostos em torno de discursos que exploram temas como família, religião, riqueza, pobreza, felicidade, etc. É um artifício que propende a reforçar aquilo que a sociedade tem como normas, como por exemplo os “hábitos adequados”, “os valores sociais”, “respeito às leis e às tradições”, enfim, aquela associação de princípios ditados como significativos e determinantes para a existência dos alunos. São, por conseguinte, textos de reiteram dos modelos que as classes dominantes definiram como protótipo de comportamento a serem obedecidos. Para Lajolo (1993, p.37) “[...] a imagem com que tais textos nos representam corre o risco de afivelar-se ao nosso rosto como máscara, deixando nossa face na sombra.”

De tal modo, por serem livros idealizados, trazem fórmulas que parecem ser oriundas de um lugar inexistente e se conduz para lugar nenhum. Suas marcadas muito carregadas de preconceitos e estereótipos e conseguem exibir padrões que pouco ou nada têm a ver com a realidade da maior parte dos alunos, representando quase sempre modelos de vida de determinada classe social, a dominante.

Mediante a imposição da visão de mundo da classe dominante à classe dominada, verificada nos textos literários dos LDLP, a partir desse momento sigla usada para designar os livros didáticos de língua portuguesa, impede-se que

alunos tenham a possibilidade de elaborar sua própria visão de mundo, a partir das suas condições de existência e de seus interesses. Portanto, o livro didático obriga os alunos, mesmo que sutilmente, a interiorizarem ensinamentos e princípios, de maneira contínua e metódica, transmitindo comportamentos e ideologias defendidas e propagadas pela classe dominante, exibindo uma visão de mundo em que a estrutura da sociedade em classes e a discriminação, seja ela qual for, torna-se natural.

O discurso literário consente que as pessoas atuem sobre o mundo, sobre as outras pessoas, sobre classes sociais, instituindo preconceitos e alterando o meio social. Todavia, ele carrega ideologias que distinguem grupos sociais e que estigmatizam outros. Deste modo, Fairclough (2001) pondera:

[...] o discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes. O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado (FAIRCLOUGH, 2001, p.91).

Visualiza-se, então, nos textos literários do livro didático de língua portuguesa, a coexistência de discursos preconceituosos e conservadores, herdadas do patriarcalismo,

A mulher no discurso literário do livro didático

Reflexões sobre a representação da mulher nos textos literários levantam questões relacionadas aos aspectos da história literária. Isso se deve ao fato de que sua base está envolvida com valores ideológicos explícitos, contribuindo para a invisibilidade destas no que concerne ao seu papel imposto pela sociedade. Tais papéis eram bem demarcados pela sociedade patriarcal, onde a mulher representava de maneira honrosa seu papel de esposa e mãe.

As mulheres detinham limitações e lhes eram atribuídas quase sempre o papel de musa inspiradora. Nessa conjuntura, o discurso masculino postergou ao feminino a condição de simples observador no contexto da produção discursiva. Assim, “a mulher, por ser considerada de inteligência fraca, ou mesmo sem inteligência, dom exclusivo dos homens, não servia para dedicar-se aos estudos, às ciências.” (CARVALHO, 2012, p.50).

Os discursos literários brasileiros foram herdados da tradição estética europeia, a qual caracterizava a produção literária como algo necessariamente masculino, ou seja, representando uma visão androcêntrica. Ao adotar esse caráter como universal, a literatura anulou a experiência feminina e diminuiu sua importância, por não favorecer as chamadas verdades absolutas que desejavam.

As mulheres experienciaram, no decorrer da história, um grande processo de silenciamento e exclusão. O sujeito que falava no discurso literário era essencialmente masculino e a este era reservado lugar de destaque. A representação feminina, a sua história, foi escrita por mãos masculinas, marcada de ausências, omissões, silenciamento e discriminações. A sociedade hegemônica e o discurso historicamente masculino, dessa forma, silenciava a mulher buscando de muitas maneiras a desqualificação identitária dela. Assim, os discursos sobre a mulher refere-se à representação e interpretação sociocultural acerca do que significa coexistir em um mundo de relações desiguais que são transmitidas, reproduzidas, mantidas e legitimadas.

Essa prática hegemônica, ainda conforme Muniz (2010),

[...] remete para valores que fragmentariamente circulam em nossa sociedade e são elementos de nossas práticas e formas culturais, dando origem a ações e formas de pensamento que continuam sendo constitutivas da produção de subjetividades[...] (MUNIZ, 2010, p. 26).

Assim, numa contínua relação de dependência, a mulher foi representada e sua imagem aliada à vontade de uma

sociedade hegemônica onde o pensamento dominante se sobrepõe a uma minoria, ficando então, relegado a um segundo plano, sendo invisível aos olhos da sociedade, ou assumindo apenas funções que a elas eram delegadas.

Essa representação da mulher de maneira estereotipada e preconceituosa vista nos discursos literários dos LDLP é uma prática social estabelecida culturalmente nas sociedades ocidentais: as mulheres dessas sociedades sofrem do “mal da dependência” do homem, uma vez que historicamente foram educadas a pertencer ao gênero oposto que teve a incumbência de prover o outro.

Conforme Louro (2001, p. 17), “a segregação social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas tivera como consequência a sua ampla invisibilidade como sujeito – inclusive como sujeito da ciência”. Louro ainda afirma que “os gêneros se produzem, portanto, nas e pelas relações de poder”.

Butler (2003), a partir desse mesmo ponto de vista, infere que, a distinção entre sexo e gênero acata à tese de que, por mais que o sexo se mostre ríspido em marcos biológicos, o gênero é culturalmente estabelecido. Já Joan Scott (1990) contribuiu grandemente para esse debate sobre a representação da mulher afirmando que o conceito de gênero surge através dos movimentos de políticas sociais, com o desígnio de distinguir gênero de sexo. Segundo a autora, “é preciso desconstruir o caráter permanente da oposição binária masculino-feminino”. (SCOTT, 1990, p. 47)

Infelizmente, o lugar oferecido a representação feminina ainda é execrável nos textos literários. Percebe-se a sua presença nos textos literários, todavia, com pouca representatividade ou recebendo lugar secundário. Alguns estudiosos sobre o assunto consideram que essa diferença se dá em virtude da figura feminina ter sido marginalizada e reprimida pelas sociedades androcêntricas ao longo dos anos.

A esse respeito, Faria (1991, p. 41-42) diz que “A mulher em geral é discriminada no livro didático. Sua função é ser mãe e cuidar da casa. [...] Nesta função a mulher é sempre valorizada. Desta forma, o livro didático apresenta a mulher como reprodutora[...]”

De tal modo, no discurso literário, a mulher é exposta em funções que a sociedade está habituada a vê-la, ou seja, assumindo uma configuração estereotipada. Assim, a autora reforça a ideia de que o livro didático, por meio dos discursos trazidos pelos textos literários, transmite os valores e conceitos da classe dominante e conclui afirmando que “[...] o livro didático reconhece a desigualdade [...], mas não a apreende. Através dos valores da burguesia, camufla a desigualdade, dissimula a discriminação, contribuindo para a reprodução da sociedade burguesa. [...]” (FARIA, p. 72)

Refletir sobre a representação feminina no discurso literário é um instrumento significativo e indispensável para o ambiente escolar, pois possibilita compreender os obstáculos que as mulheres enfrentaram para se firmarem perante as barreiras e limitações impostas pela sociedade androcêntrica, onde a mulher, a todo tempo, é submetida aos anseios e poder do homem. Ou seja, foi o discurso androcêntrico que determinou o apagamento da mulher em diversos aspectos, silenciando e colocando-a em segundo plano.

Foi a partir dessa construção simbólica de um feminino fragilizado e dominado, que houve a negação histórica do lugar da mulher na literatura e, conseqüentemente, sua representação expressiva nos textos literários dos livros didáticos. Assim, a sociedade androcêntrica postergou a mulher a condição de simples espectador no contexto da produção literária. Corroborando com essa assertiva, Carvalho (2012, p. 50) externa que “a mulher, por ser considerada de inteligência fraca, ou mesmo sem inteligência, dom exclusivo dos homens, não servia para dedicar-se aos estudos, às ciências”.

Logo, o espaço que foi negado à mulher pelo discurso patriarcal é marcado pelo anseio de preservar valores, ideias, opiniões e modelos que são o cerne de um sistema social, político e cultural da sociedade hegemônica e androcêntrica.

Zolin (2009) também corrobora com tal pensamento quando assevera que:

Para ter assegurado o direito de falar, enquanto o outro é silenciado, o sujeito que fala se investe de um poder advindo do lugar que ocupa na sociedade, delimitado em função de sua classe, de sua raça e, entre outros referentes, de seu gênero, os quais o definem como

o paradigma do discurso proferido. Historicamente, esse sujeito imbuído do direito de falar é de classe média-alta, branco, e pertencente ao sexo masculino (ZOLIN, 2009, p. 106).

Desse modo, o conceito e a representação da mulher encontrado na maioria dos textos literários dos LDLP é construído seguindo a cartilha do patriarcalismo histórico, assinalado pelo cerceamento aos muros da casa, pelo silenciamento, pela maternidade absoluta e pela submissão.

Assim sendo, reflexões como estas, que questionem a representação feminina no discurso literário do LDLP, é útil e pertinente, quando se sabe que os valores em que se baseiam os padrões de qualidade e discurso literário têm sido predominantemente masculinos, e que as próprias teorias estão enraizadas na leitura de textos escritos e contidos nos livros didáticos de Língua Portuguesa.

O discurso literário do livro didático como instrumento de empoderamento

No cenário educacional, o termo empoderamento é um neologismo trazido pelo educador Paulo Freire, originada do termo inglês “*empowerment*” e contém um sentido de movimento transformador. Em busca do significado da palavra *empowerment* no *Dicionário Michaelis Online* encontra-se a seguinte definição: “1. *authorize, license*; 2. *give power to, make able, empowerment* ” (1. autorizar, permitir. 2. dar poder a, tornar possível). Conceituação semelhante é encontrada também no *Dicionário Online de Português*. Este traz o termo empoderamento como: “1. Ação ou efeito de empoderar, de obter poder. 2. Ação de se tornar poderoso, de passar a possuir poder, autoridade, domínio sobre: processo de empoderamento das classes desfavorecidas”.

Ainda que a palavra *empowerment* já houvesse na língua inglesa, denotando o sentido de dar permissão a alguém para realizar tarefas sem necessitar da permissão de outras pessoas, o sentido do termo empoderamento adotado pelo educador tem uma lógica distinta. Para Paulo Freire (2011), um indivíduo, grupo, ou instituição empoderada é aquela que realiza por si mesma as ações e transformações que a conduzem a evolução e ao fortalecimento. É possível afirmar que educador inventou uma acepção especial para a palavra empoderamento no contexto da educação. Deste modo, empoderamento não consiste em um movimento que advém de fora para dentro, como é o caso do *empowerment*, mas sim, de dentro para fora.

Segundo Freire, a escola representa um lugar de extrema importância para o crescimento humano, visto que é dentro dela que o aluno pode, através do texto literário, se deparar com um discurso libertador e emancipador. Para isso, torna-se necessário um cuidado especial no que se refere aos discursos concebidos nesses textos literários contidos nos livros didáticos de língua portuguesa e principalmente na forma como estes são abordados em sala de aula, pois o foco não deve estar apenas na leitura do texto literário, mas essencialmente nas formulações e efeitos que estes podem causar nos alunos por meio de suas palavras e ideologias.

Observa-se que empoderamento e leitura literária caminham juntos, visto que o empoderamento é resultado da leitura do texto literário de maneira crítica e reflexiva do aluno. Assim, conforme Valoura (2006), o “Empoderamento pode ser visto como a noção freiriana da conquista da liberdade pelas pessoas que têm estado subordinadas a uma posição de dependência econômica ou física de qualquer natureza.” (VALOURA, 2006, p. 3). O ato de ler criticamente é a oportunidade que o aluno tem de refletir e questionar sobre conceitos preestabelecidos pela sociedade. É uma experiência de ordem singular, um elemento de comunicação e relação com o mundo e sua história.

Doravante esse cenário, é possível verificar a possibilidade dos textos literários, atrelados aos livros didáticos de língua portuguesa, representarem uma força social capaz de transformar o sujeito aprendente. O discurso, por vezes, arraigado nestes textos literários podem representar, para a sociedade, um processo de valorização social; ou seja, uma forma de empoderamento, propiciando um caminho de conscientização e transformação social do indivíduo. Sobre isso, Cruz (2012) comenta:

Frente a isso, uma das funções fundamentais do discurso literário contemporâneo é a renovação da linguagem, das próprias palavras e dos contextos, para libertá-los das mistificações que carregam consigo ao longo dos anos (CRUZ, 2012, p.145).

A partir dessa premissa, o discurso literário e o empoderamento, em conexão com livro didático, representam o que se espera efetivamente da escola, um espaço onde o processo de transformação social e do saber-fazer estejam aliados a uma educação transformadora e que estes possam alimentar uma consciência responsável, possibilitando um educar a si mesmo, auxiliando no fomento de uma visão de mundo que se contraponha à veiculada pelo pensamento predominantemente androcêntrico e hegemônico no ambiente escolar.

Segundo Lysardo-Dias(2006), esses discursos que representam estereótipos femininos são percebidos como representações socialmente compartilhadas que trabalham como pressupostos culturais comuns a uma sociedade e que lhes atribuem uma isonomia. Trata-se do equilíbrio de alguns conhecimentos que surgem de um senso comum e se implantam como um código cultural a ser seguido. Assim, essas formas estandardizadas repassadas pelos textos literários contidos nos livros de Língua Portuguesa, como comportamentos, pressupostos culturais, visão acerca da família e da mulher vão sendo internalizadas e difundidas como traçados culturais que instituem uma verdade universal. Deste modo, são textos de representação dos modelos que as classes dominantes definiram como padrão de conduta que são passados em sala de aula para os alunos.

Deste modo é necessário, parafraseando Paulo Freire, que os textos literários sejam utilizados para proporcionar o empoderamento do sujeito aprendente, tornando-o um indivíduo empoderado, capaz de realizar por si só as ações e transformações que o transportem a evolução e ao fortalecimento e de produção de sentidos; levando-os a identificar os ideais já cristalizados na sociedade e os modelos sociais referenciados com os quais conversam, seja para ratificar, seja para discutir.

O encontro do sujeito aprendente com o discurso literário deve, em outras palavras, representar espaços de confrontos e rupturas, de encontros de pontos de vista e acima de tudo de aprendizagem social. Logo, ser um aprendente empoderado é ser um sujeito capaz de compreender o discurso do texto literário nas suas relações com o tempo e espaço cultural, refletindo sobre o funcionamento ideológico do discurso, sendo capaz de apreender a circulação contínua de aproximação e de segregação dos discursos outros que o compõe.

Sem dúvida, explorar conscientemente o discurso literário inserido nos livros didáticos de Língua Portuguesa é possibilitar ao aprendente uma reflexão sobre os papéis impostos a um determinado grupo, o que favorece o desenvolvimento sistemático de seu senso crítico e de seu posicionamento no mundo, na sociedade, sob um ponto de vista, compreendendo o lugar do discurso literário na construção do conhecimento e a função social e política de suas representações.

Nessa concepção, a palavra-chave, no que se refere ao poder do texto literário para empoderar o sujeito aprendente, a partir daqui seria problematizar. Problematizar um “perene destino biológico” que se vê apresentado pela representação da mulher na sociedade, instituindo a senil assimetria nas relações de gênero, onde o homem é o chefe da família, toma o controle do poder e trabalha; ao passo que a mulher responde pelas tarefas domésticas, por cuidar dos filhos e do marido, sustentando também a imagem de símbolo de procriação. A estas, devem ser oferecidas a opção de continuar apenas seguindo caminhos, mas, principalmente, oferecer-lhes caminhos que a conduzam para espaços diversos.

Deve-se questionar o “lugar” da mulher, o “lugar” do homem, as normas exigidas para “ser mulher” e “ser homem”, o “destino” maternal da mulher que vem impostas nos mais diversos discursos literários, buscando decompor costumes, ideais e ideologias, acerca da representação da mulher, de suas possibilidades e potencialidades. Expressivamente, essa problematização de “destino biológico” nos apresenta um campo conflituoso que impõe a mulher uma opressão que vem historicamente se repetindo.

Dessa forma, o discurso literário é apresentado aqui como como possibilidade de empoderamento do sujeito aprendente, uma vez que este contribui para a formação de cidadãos mais críticos, políticos e conscientes. Compreende-se que a leitura reflexiva desses discursos literários contribuem no processo de empoderamento, visto que o aluno aprende a pensar em situações de subversões, não mais como simples expectador. Todavia, assume papel essencial pelas situações de problemas que são sugeridas na ação educativa, tornando-se competente para discutir e questionar pensamentos impostos, transformando-se em cidadãos de opinião crítica.

A análise do corpus

A análise inicial depreendeu-se da análise da 'Singular & Plural - Leituras, produção e estudos de linguagem' - Editora Moderna, das autoras Laura de Figueiredo, Marisa Balthasar e Shirley Goulart. Compreendemos que essa seleção não consegue dar conta do tema por completo, e que para resultados mais consistentes, as outras coleções devem também ser analisadas; entretanto, ressaltamos que esse trabalho faz parte de uma pesquisa recente e ainda em andamento. Assim, o que pretendemos no momento é lançar uma discussão, refletindo sobre a abordagem do tema nos textos literários contidos na coleção.

De acordo com o 'Guia de Livros Didáticos' PNLD/2014 (2013) a coleção analisada está organizada em três blocos: O 'Caderno de leitura e produção', que explora textos de gêneros diversos, o 'Caderno de práticas de literatura', intitulada 'Entre leitores e leituras: práticas de literatura' e o 'Caderno de estudos de língua e linguagem' que destaca o estudo da língua com base na gramática normativa.

No decurso do mapeamento da coleção, verificou-se nos quatro volumes analisados, a presença não tão significativa de textos literários quanto exposto no Guia de Livros Didáticos. Os volumes apresentam um maior número de textos jornalísticos, depoimentos, entrevistas, gráficos, diários, tabelas, verbetes de dicionários dentre outros.

Todavia, considerando os textos literários inseridos na coleção em análise, percebeu-se que grande parte é de autoria masculina e de consagrados escritores da sociedade brasileira. Foram encontrados fragmentos de textos, romances, poemas, contos e crônicas de escritores como Fernando Sabino, Moacyr Scliar, Carlos Drummond, Monteiro Lobato, Paulo Mendes, Luís Fernando Veríssimo, Rubem Braga, Machado de Assis, Rubem Alves, Antônio Prata, Ferreira Gullar, Mário Quintana, Millôr Fernandes, Edgar Poe, dentre outros. Muito longe dessa representatividade masculina, estão os textos de autoria feminina. Em número bem menor, autoras ilustres têm fragmentos de textos citados, como Clarice Lispector, Marina Colasanti, Lígia Fagundes Telles, Tatiana Belinky e Ruth Rocha.

Averigou-se que as mulheres pouco aparecem nos textos literários e quando isso acontece, estão atreladas a uma série de preconceitos e estereótipos, como observado no livro 3, página 92, com o cordel intitulado 'A vida secreta da mulher feia', do autor J. Borges. Trechos como "Tinha os beíço feridento /e os olhos de remela, /Um caroço arredondado /do lado de uma costela e/ tinha um peito no sovaco/ e outro no pé da goela" enfatiza a busca incessante pela valorização da aparência jovem e bela, de corpo esbelto e sorriso encantador, cobrados na figura feminina.

No livro 2, página 309, o texto de Moacyr Scliar reforça as relações de gênero e continua reproduzindo a submissão, o controle e a manipulação imposta às mulheres quando compara, no conto 'Bruxas não existem', as características físicas de uma senhora a de uma bruxa. "Era muito feia, ela; gorda, enorme, os cabelos pareciam palha, o nariz era comprido [...]".

O número de textos literários mais expressivos nos quatro volumes relacionam-se à vida das mulheres, abordando a questão do casamento, da família, do papel da mãe, da esposa, da professora e da dona de casa, reforçando a situação de submissão do gênero. Na página 270 do volume 1, observa-se essa representação bem acentuada, onde a crônica de Rubem Braga, intitulada 'Mãe', ressalta o papel da mãe que cuida do filho e das questões do lar. "Então a Mãe começou a folhear a revista mundana - que vestido horroroso o da Marieta neste coquetel - que presente de casamento vamos dar à Lúcia tem de ser uma coisa boa - e outros pequenos assuntos sociais foram aflorados numa conversa preguiçosa". E mais, a 'feminilidade' que se espera das mulheres pode ser percebida na página 250 do livro 1, no poema de Machado de Assis, que a partir de adjetivos como 'sorridentes', 'simpáticas', 'atenciosas', 'discretas', 'contidas', 'meigas' acaba por conduzir a mulher, à anuência das expectativas masculinas. Logo, a dependência em relação ao outro acaba por se tornar característica obrigatória de seu ser. "Sua boca meiga e breve, / Onde um sorriso de leve, / Com doçura se desliza, / Ornando purpurea cor, / Celestes lábios de amor/ Que com neve se harmoniza".

Nos quatro volumes observou-se que os textos literários mostram as mulheres representando as personagens femininas em condições de subalternidade em relação ao marido, ao chefe, à sociedade. Desse modo, o estereótipo da mulher afável, gentil, mais vulnerável, cuidadosa, mais compreensiva e jeitosa é reproduzido em maior escala nos textos literários analisados. Enquanto isso, os homens são seres fortes, ativos, protetores, destemidos, independente, competentes, financeiramente bem-sucedidos e sexualmente impositivo.

Não obstante, alguns textos, mesmo que de formas sutis, vêm trazendo mudanças. Na página 36, livro 4, há o texto 'E

agora filha' de Isabel Vieira abordando a força das mulheres em suas lutas diárias. Ele traz possibilidades reflexivas ao tratar da mulher, da família estigmatizada pela sociedade, da mulher grávida, abandonada e que vai à luta para sustentar sua filha sozinha. Já no volume 3, na página 155, através do texto de Conan Doyle, é apresentada a mulher, Irene, caracterizada com "equilibrada, fria, severa..." e que segundo o narrador "[...] o reino da Bôemia foi ameaçado por um grande escândalo e que os melhores planos...foram frustrados pela sagacidade de uma mulher". Percebe-se, de forma discreta, que a coleção já sinaliza para a desconstrução desse padrão hegemônico estabelecido pela sociedade. Através de pequenos fragmentos ou textos já é possível verificar um esforço para romper com essa representação feminina estereotipada utilizando os textos literários.

Considerações finais

A questão de gênero, sob a perspectiva da representação da mulher nos livros didáticos de língua portuguesa, torna-se necessário visto que aborda como as mulheres são apresentadas, tratadas e suas representações construídas na sociedade; provocando questionamentos e reflexões. Também se constitui interesse pedagógico, pois seus efeitos e implicações podem trazer importantes contribuições para o entendimento e transformação da construção identitária dos alunos.

As reflexões iniciais, referentes a coleção selecionada, apontam para a existência expressiva de discursos estereotipados e preconceituosos em relação a representação da mulher nos textos literários dos livros didáticos de língua portuguesa. Percebeu-se que ainda persistem os discursos que segregam o gênero feminino ao contexto do lar e da submissão; enquanto a figura masculina continua associada ao trabalho, a força, a virilidade e a proteção.

É mister assegurar a importância de refletir sobre os discursos literários difundidos pelos livros didáticos de Língua Portuguesa e seus efeitos no cotidiano dos alunos, buscando contribuir para que se diminua as desigualdades naturalizadas que inferiorizam a mulher em suas relações sociais, profissionais e familiares.

REFERÊNCIAS

COSSON, Rildo. **Letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2007, p. 15-17.

BUTLER, Judith. **Problema de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARVALHO, Maria Leônia Garcia Costa. **A construção de uma discursividade feminista em Sergipe: a Revista Renovação na década de 1930**. São Cristóvão (SE): Editora UFS, 2012.

CITELLI, Adilson. **Linguagem e Persuasão**. 15ª. Edição. São Paulo: Editora Ática, 2002.

CRUZ, Maria de Fátima Berenice da. **Leitura Literária na Escola – desafios e perspectivas de um leitor**. Salvador: EDUNEB, 2012.

Dicionário online de Português. Disponível em <https://dicionariodoaurelio.com/>. Acessado em 07 abril 2017.

Dicionário online Michaelis. Disponível em <http://michaelis.uol.com.br/buscar=0&f=0&t=0&palavra=g%C3%AAnero>. Acessado em 07 abril 2017.

ECO, Umberto e BONAZZI, Marisa. **Mentiras que parecem verdades**. São Paulo: Summus, 1980.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Trad. I. Magalhães. Brasília: Universidade de Brasília, 2001. P. 90-100.

FARIA, Ana Lúcia G. **Ideologia no livro didático**. 10ª edição. São Paulo: Ed. Cortez, 1991.

FIGUEIREDO, Laura de; BALTHASAR, Marisa; GOULART, Shirley. **Singular & Plural: leitura, produção e estudos de linguagem**. 1ª edição, São Paulo: Moderna, 2012. Obra em 4 v. para alunos do 6º ao 9º anos.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GUIA DE LIVROS DIDÁTICOS: **PNLD 2014: língua portuguesa: ensino fundamental: anos finais**. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2013.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1993.

LOURO, Guacira L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

LYSARDO-DIAS, Dylia. **O discurso do estereótipo na mídia**. In: EMEDIATO, Wander et al. (Org.). *Análise do discurso: gêneros, comunicação e sociedade*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, Pós-Lin/FALE/UFMG, 2006. p. 25-36.

MUNIZ, Durval. **Máquina de fazer machos: gênero e prática culturais, desafio par o encontro das diferenças**. In: *Gêneros e prática culturais: desafios históricos e saberes interdisciplinares*. Organização Charliton José dos Santos Machado, Idalina Maria Freitas ima Santiago, Maria Lúcia da Silva Nunes. Campina Grande: EDUEPB, 2010, p. 28.

SCOTT, Joan. **“Gênero: uma categoria útil de análise histórica”**. In. *Mulher e realidade: mulher e educação*. Revista e tradução de Tomaz Tadeu Silva. Porto Alegre, v. 16, n.2. julho / dez. 1990, p. 28-50.

VALOURA, Leila de Castro. **Paulo Freire, o Educador Brasileiro autor do termo Empoderamento, em seu sentido transformador**. 2006. Disponível em: Acesso em: 10 abril de 2014.

ZOLIN. Lúcia Osana. **A literatura de autoria feminina brasileira no contexto da pós-modernidade**. *Ipotesi: Juiz de Fora*, v. 13, n. 2, p. 105 - 116, jul./dez. 2009.

o